

## OLHOS NEGROS

Carlos Omar Villela Gomes

Passo a passo, tento a tento,  
A vida segue seu tranco  
Pelos fundões desses campos  
Que São Pedro apadrinou...

O tempo passa de manso,  
Os homens passam depressa,  
Mas a história fica impressa  
No itinerário do pampa;  
Às vezes escrito a suor,  
Às vezes escrito a sangue...  
Sangue nosso, sangue quente  
Que a história derramou.

Onde ficou a verdade  
Nessas incertas volteadas  
Que a saga humana trilhou?

Onde ficou a ternura,  
O sonho de liberdade?  
Talvez tenham se extraviado  
Nos labirintos de morte  
Que o fio da espada criou.

Os homens seguem cegos seus caminhos  
Os fins justificando meios vis...  
A morte a engordar seus pergaminhos  
E os meios nos levando rumo ao fim.

Mas, num misto piedade e revolta,  
Dois olhos negros miram de longe,  
Sem ninguém notar...  
Acima dos montes, além das cumeeiras,  
Das copas frondosas das grandes figueiras,  
Dois olhos contemplam, buscando entender:

"Já faz tanto tempo..."

"- As sangas tão puras, os rios, as vertentes,  
Os peixes, as flores, o cio das sementes  
Brotando da terra num rito de paz...  
Um pampa tão vasto, um solo tão fértil,  
A enxada na terra plantando o sustento,  
A vida brotando na luz de um rebento  
E os homens unidos por seus ideais."

"- As aves planando, a chuva caindo,  
O sol despontando, pessoas sorrindo,  
O vento soprando mensagens benditas  
Nos ranchos das vilas, no fundo dos campos...  
A noite luzindo por seus pirilampos  
O dia abençoando as coxilhas de luz"

"- Onde está esse mundo que sonhei?  
Onde estão a pureza e o amor?  
Será que sucumbiram no veneno das águas?  
Será que murcharam na agonia das flores?  
Talvez tenham partido no suplício dos ventos  
Que ecoam tristezas e soluços de dor..."

"Talvez o tempo dos homens  
Não tenha mais luz que suas próprias ações...  
Talvez as suas pegadas  
se encontrem marcadas na frieza dos seus corações"

"- A terra, gemendo a solidão da enxada,  
Campeiros, entregues ao rigor das vilas;  
Velhos morrendo na ilusão das filas,  
Os índios, atirados nos beirais da estrada..."

"O homem teve arbítrio e impiedade  
Ao riscar os seus mapas e verdades...  
A frieza de impor a sua vontade,  
A maldade de pisar nos seus iguais.  
Nos rastros desse povo retirante  
A realidade crua dita os traços...  
Em cada rosto uma feição de sombras  
Vagando cega, entre os temporais."

Densos, profundos feito a madrugada,  
Dois olhos negros se quedam a chorar...

Mas, o que se vislumbra além do cerro,  
Além do temporal, da cerração?  
O que floresce luz e liberdade  
Além do ventre vil da escuridão?

Dois olhos negros antes tristes, turvos,  
Se inundam de doçura e esperança,  
Mirando os lábios de um sol de primavera  
Beijarem um semblante de criança.

Era a chave, a razão, o elo perdido,  
Surgindo na inocência de um menino...  
Era o avesso das dores sem sentido,  
Era a ternura sufocando os desatinos.  
O homem pode recriar o seu destino,  
Basta vontade e coragem de tentar...  
Pois cada um tem o direito de buscar  
A mesma paz do coração dos pequeninos.

E o tempo segue, ao dobrar dos sinos...

Dois olhos negros seguem na vigília

Além do manto destas sesmarias,  
Com profundezas de encantar os dias  
E prantos doces de inundar coxilhas.

A esperança é um anjo que flutua  
Calando a solidão da noite escura...  
Está no moço, que sonhou nas ruas,  
Está em dois olhos, muito além da lua.

Dois olhos negros, plenos de ternura  
Feito a criança que o sol beijou!!!